

## CAPÍTULO CXIX<sup>1</sup>

### Parêntesis

Quero deixar aqui, entre parêntesis, meia dúzia de máximas das muitas que escrevi por esse tempo. São bocejos de enfado; podem servir de epígrafe a discursos sem assunto:<sup>2</sup>

---

Suporta-se com paciência a cólica do próximo.

---

Matamos o tempo; o tempo nos enterra.

---

Um cocheiro filósofo costumava dizer que o gosto da carroagem seria diminuto, se todos andassem de carroagem.

---

Crê em ti; mas nem sempre duvides dos outros.

---

Não se comprehende que um botocudo fure o beiço para enfeitá-lo com um pedaço de pau. Esta reflexão é de um joalheiro.

---

Não te irrites se te pagarem mal um benefício: antes cair das nuvens, que de um terceiro andar.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> CAPÍTULO CXIX] CAPÍTULO CXX – em MPBC1-1880.

<sup>2</sup> Quero deixar aqui, entre parêntesis, meia dúzia de máximas das muitas que escrevi por esse tempo. São bocejos de enfado; podem servir de epígrafe a discursos sem assunto:] (Haverá uma crítica tão perversa que possa atribuir a minha opinião sobre la Bruyère à inveja das suas máximas? Eu aparo desde já esse golpe, transcrevendo algumas das que compus por aquele tempo, e rasguei logo depois, por não me parecerem dignas do prelo. Fi-las num período em que a flor amarela do capítulo XXV tornara a abrir; eram bocejos de enfado. E senão vejam: – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

<sup>3</sup> andar.) – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881. O fechamento dos parênteses, que ocorre aqui nessas duas edições, é consequência da abertura deles no início do capítulo – ver nota 2, acima.